

AÇÃO EXPOSITIVA DO CPC EM 2016:

*AS MOSTRAS CORES DO BIXIGA NA YAYÁ E YAYÁ, UM
LUGAR DE MEMÓRIA*

GABRIEL DE ANDRADE FERNANDES UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL
Arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) (2012), ocupa o cargo de Especialista em Laboratório no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP), na área de Referências Culturais e Memória. Mestrando pela FAU-USP junto ao Núcleo de Estudos da Paisagem, no qual explora as diversas manifestações discursivas da ideia de ambiente; na arquitetura e urbanismo nos anos 1960 e 1970. E-mail: gaf.arq@usp.br

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i22p296-306>

A Casa de Dona Yayá, sede do Centro de Preservação Cultural da USP (CPC-USP), é reconhecida como um importante lugar de memória das questões de gênero e de saúde mental no Brasil, bem como documento relevante do processo de urbanização e suporte material de identidade e memória do bairro em que se encontra, o Bixiga. Espaço utilizado por cerca de quatro décadas como sanatório particular onde foi mantida a senhora Sebastiana Mello Freire (Dona Yayá), diagnosticada como louca pela medicina de sua época, à Casa se associam fortes referências simbólicas ligadas ao feminismo e à luta antimanicomial. Apesar dos intensos laços estabelecidos entre este peculiar artefato e os vários grupos sociais articulados àquelas temáticas e àquele território — como coletivos feministas e ativistas ligados à luta antimanicomial, bem como à própria construção da memória da região do Bixiga — trata-se de espaço não muitas vezes ativado em todo o seu potencial dialógico por parte do CPC-USP, entidade que hoje lhe serve de guardiã. Órgão ligado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo (USP), o CPC-USP busca desde 2004, quando se instalou definitivamente na Casa, promover ações que contribuam ao uso qualificado deste bem cultural¹.

1. Um panorama da relação entre o CPC e a Casa de Dona Yayá, bem como uma reflexão sobre sua ação cultural e educativa, encontram-se em Lanna e Prata (2006) e em Pereira e Pinheiro (2011).

Em que pesem, no entanto, as relevantes ações de conservação e restauro desenvolvidas pelo órgão, bem como as muitas atividades culturais e educativas promovidas em mais de dez anos de ocupação da casa, o CPC-USP enfrenta relações tensas com esses diferentes atores sociais com os quais dialoga (vizinhos do Bixiga, grupos ligados à memória de Yayá etc.), pois nem sempre sua atuação corresponde às expectativas de um devido tratamento das citadas temáticas. Apesar da expressão “Casa de Dona Yayá” ter se consolidado como título do imóvel-sede do CPC-USP, suas ações em torno da memória e da história da personagem nem sempre corresponderam plenamente à responsabilidade de celebrar sua memória ou de qualificar o espaço como um lugar de memória das questões de gênero e da loucura. Não são incomuns as críticas ao órgão pelo pequeno destaque dado à personagem em sua ação expográfica e cultural. Na mesma medida, apesar de sistemáticos esforços, também são muitas as críticas à ainda tênue relação da Casa com sua vizinhança imediata do bairro da Bela Vista.

Como agravante a esta tensa relação com os grupos com os quais dialoga, o acesso do público à Casa de Dona Yayá em 2016 foi interrompido por cerca de dez meses em decorrência de obras de acessibilidade realizadas no jardim. O fechamento interrompeu, este frágil elo estabelecido com a vizinhança, mas permitiu, por outro lado, o estabelecimento de uma reflexão interna sobre o papel da Casa e a responsabilidade do órgão sobre ela. Findo o período de obras, em novembro de 2016, os portões foram reabertos com a inauguração de dois espaços expositivos que buscam justamente atacar estas duas dimensões de dialogicidade do CPC: com o bairro do Bixiga e com a história e a memória de Dona Yayá.

1 YAYÁ, UM LUGAR DE MEMÓRIA

Um pequeno espaço expositivo dedicado à figura de Dona Yayá, a ser permanentemente incorporado à dinâmica de funcionamento da Casa e do órgão, foi instalado no cômodo conhecido como Sala Rosa. Ainda que não se trate de um memorial, é um primeiro esforço para consolidar a memória da personagem no dia a dia do CPC-USP para além dos vestígios materiais espalhados pelo imóvel que caracterizam o infeliz enclausuramento de Yayá neste local por 40 anos.

Intitulada *Yayá, um lugar de memória*², esta sucinta exposição (caracterizada por painéis informativos e uma vitrine aberta de *fac-símiles*) busca apresentar minimamente aos visitantes a trajetória de Yayá e sua relação com o imóvel: trata-se de uma primeira resposta a uma usual crítica feita pelos visitantes de que a personagem pareceria invisibilizada na materialidade da Casa. Ainda que todo o trabalho de conservação e restauro previamente realizado tivesse procurado evidenciar sua presença por meio do destaque aos dispositivos arquitetônicos médicos e de clausura que conviveram com ela, é justamente a assepsia que caracteriza tal configuração arquitetônica que colaborava em dotar a Casa de uma dimensão abstrata, aparentemente vazia de história aos visitantes menos atenciosos. O desafio enfrentado foi pontuar a presença de Yayá na Casa sem recorrer a instrumentos cenográficos menos sutis, bem como em não ocupar os demais (e já exíguos) espaços expositivos do CPC-USP dedicados às suas exposições temporárias relacionadas à temática do patrimônio cultural.

Visto que o CPC-USP não se configura como um museu dedicado à Yayá, parte-se desde o início de uma relação institucional tensa, já que se trata de um órgão universitário em princípio sem qualquer obrigação com a memória da personagem (nem com a salvaguarda de qualquer acervo a ela relacionado) que, no entanto, ocupa espaço fortemente carregado de expectativas sociais variadas e cuja missão institucional está justamente atrelada a adequar a ocupação dos bens culturais a um uso qualificado.

Além disso, por ser um espaço pequeno, revelou-se necessário tomar certos cuidados com o grau de assertividade com que descrevíamos a personagem: nem de um lado desejávamos apresentar uma descrição hermética e distante, nem de outro construir um retrato profundamente processado — cheio de certezas e ausente de questionamentos — de sua trajetória, já que são ainda poucos os estudos sobre sua história. Destaque-se, aliás, a

2. Os trabalhos de pesquisa e curadoria da sala *Yayá, um lugar de memória* foram desenvolvidos por Cibele Monteiro, Cecília Salamon, Gabriel Fernandes, Jade Lockmann Anunciação, Mayra Carvalho França e Priscila Cruz Barbosa. O projeto gráfico foi concebido por Marina Leonardi e os trabalhos de produção contaram com Bruna Gabriela Elias, Cibele Monteiro, Cláudia d'Arco, Ewerton Vilela e Lucimara Vianna. A digitalização e a produção dos *fac-símiles* ficou a cargo de Gerson Tung. Agradecemos ao Arquivo Público e ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, bem como à Biblioteca Municipal Mário de Andrade e ao Departamento de Patrimônio Imobiliário da USP pela disponibilização de documentos relacionados a Dona Yayá. Agradecemos ainda à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, e especialmente a Marly Rodrigues, por todo apoio.

centralidade da pesquisa desenvolvida pela historiadora Marly Rodrigues em 1987 — publicada mais tarde na forma de um artigo para o livro *A Casa de Dona Yayá* (LOURENÇO, 1999) —, referência principal de todas as ações desenvolvidas pelo CPC-USP sobre Yayá. Com exceção deste e de alguns outros estudos, todo o material que tínhamos à disposição era o enorme corpo documental identificado por Rodrigues no processo 3903/19 do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, assim como alguns fragmentos de imprensa — como os artigos do fundamental periódico *O Parafuso*, identificado por Marly Rodrigues em sua pesquisa.

Espalhados por acervos diversos (Biblioteca Municipal Mário de Andrade, Arquivo do Tribunal de Justiça, Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre outros), todos estes documentos indicavam pistas para o estabelecimento de múltiplos retratos de Sebastiana Mello Freire, mas nenhum deles (ou o seu conjunto) permitia a construção de uma fotografia fiel da personagem. Os elementos deste enorme *corpus*, aliás, reúnem uma miríade de vozes sobre a personagem que buscam falar em nome dela, mas dificilmente permitem se aproximar com clareza de sua vida ou de seu cotidiano. O acúmulo de tantos documentos amarelados e envelhecidos colabora para expor várias facetas do dia a dia da personagem: muitos deles frios e burocráticos — notas de compras e balancetes, inventários e ordens de serviço; outros aparentemente preocupados com a saúde de Yayá, mas ainda assim tristemente frios e reveladores da cultura patriarcal a que ela estava submetida — como laudos médicos e pedidos para compras de medicamentos; e ainda outros, prosaicos e anedóticos — como pedidos de compras de panelas e louça, ou de autorizações para aquisição de uma televisão para o “cinema em casa” de Yayá. Todos eles, porém, vozes alheias falando sobre a personagem: no seu conjunto, um emaranhado complexo, labiríntico e meândrico de representações e mediações de Yayá.

A solução buscada para configurar a sala dedicada a Yayá, portanto, foi expor o visitante a esta situação algo claustrofóbica com que o pesquisador se depara quando precisa discursar sobre a personagem: aliada a uma cronologia aparentemente objetiva de fatos sobre a personagem, pontuaram-se vários fragmentos e citações de tais documentos. Em complemento a tantos fragmentos, expusemos ainda alguns *fac-símiles* do jornal *O Parafuso*, de um laudo médico de Yayá e de um inventário de bens.

Desta forma, para além da presença autônoma desta sala no cotidiano do CPC-USP — cumprindo finalmente com a expectativa externa de responder a muitas dúvidas dos visitantes sobre Dona Yayá —, permite-se ainda a constituição de uma futura exposição maior dedicada à personagem, com uma curadoria ampliada e mais aprofundada, de tal modo que esta sala funcione como módulo para outras aventuras do CPC-USP em torno de Yayá. Esperamos, contudo, que por ora este recorte do imenso emaranhado documental que apresentamos possa ser apropriado pelos visitantes para que eles também desenvolvam seus percursos em busca de Yayá.

FIGURA 1

Fonte: Acervo CPC.

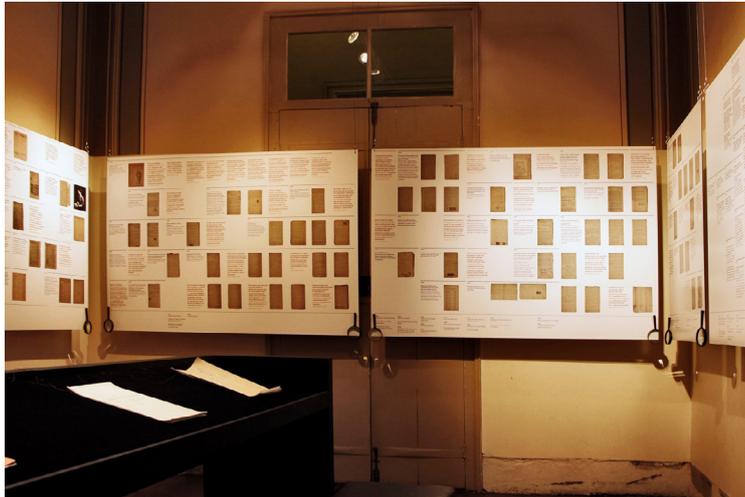


FIGURA 2

Fonte: Acervo CPC.



2. CORES DO BIXIGA NA YAYÁ

Em 2015, o CPC-USP promoveu duas oficinas de arte *naïf* voltadas, respectivamente, ao público infantojuvenil (intitulada *Infinitas cores do Bixiga*) e ao de terceira idade do bairro do Bixiga (intitulada *Outras Yayás*). Ministradas pelo morador do Bixiga e artista plástico Wagner Lins (conhecido como “Arieh”), ambas as atividades constituíram elementos da ação educativa do CPC e procuraram explorar as impressões, lembranças e histórias dos participantes em sua relação com o bairro e com a Casa de Dona Yayá. O resultado foi um conjunto variado de registros, memórias e representações materializadas em riscos, esboços, desenhos, poemas, aquarelas e maquetes. Este conjunto constituiu a base para a exposição *Cores do Bixiga na Yayá*, inaugurada em 30 de novembro 2016 e em cartaz até 24 de março de 2017³.

A partir desse conjunto documental, a equipe do CPC-USP propôs uma configuração que não apenas exibisse os produtos, mas dialogasse com os participantes e eventuais novos interessados em futuras oficinas. Desta forma, a exposição foi dividida em três momentos:

- na Sala Amarela da Casa de Dona Yayá são exibidos exemplares dos produtos de cada um dos participantes de ambas oficinas, constituindo um mosaico característico não só da variedade de expressões, como da colcha de retalhos que caracteriza o próprio bairro do Bixiga;
- na Sala Marrom destacam-se imagens do processo e depoimentos dos participantes, de forma a não só ilustrar os procedimentos adotados como também explicitar a centralidade dos vários sujeitos envolvidos nas oficinas, suas lembranças e histórias;
- no espaço da varanda foi montado um espaço para o desenvolvimento, por parte da equipe do órgão, de novas “minioficineiras”, enquanto durar a exposição (aproveitando, sobretudo, o período de férias escolares mas buscando atingir os mais variados públicos).

3. . A concepção e curadoria da exposição *Cores do Bixiga na Yayá* envolveu Camila Vasques, Erika Vanoni Peixoto, Gabriel Fernandes, Jade Lockmann Anunciação e Wagner Lins. A produção envolveu Antônio Alves de Almeida Filho, Bruna Gabriela Elias, Cibele Monteiro, Cláudia d’Arco, Ewerton Vilela e Lucimara Vianna. O projeto gráfico é de Erika Peixoto. Agradecemos especialmente a Anunciação Rosa, ao Núcleo de Convivência para Idosos da Paróquia Nossa Senhora Achirópita e ao Abrigo Taiguara, bem como a todos os participantes das oficinas *Infinitas cores do Bixiga e Outras Yayás*.

FIGURA 3

Exposição *Cores do Bixiga na Yayá*. Sala Amarela da Casa de Dona Yayá. Fonte: Acervo CPC.

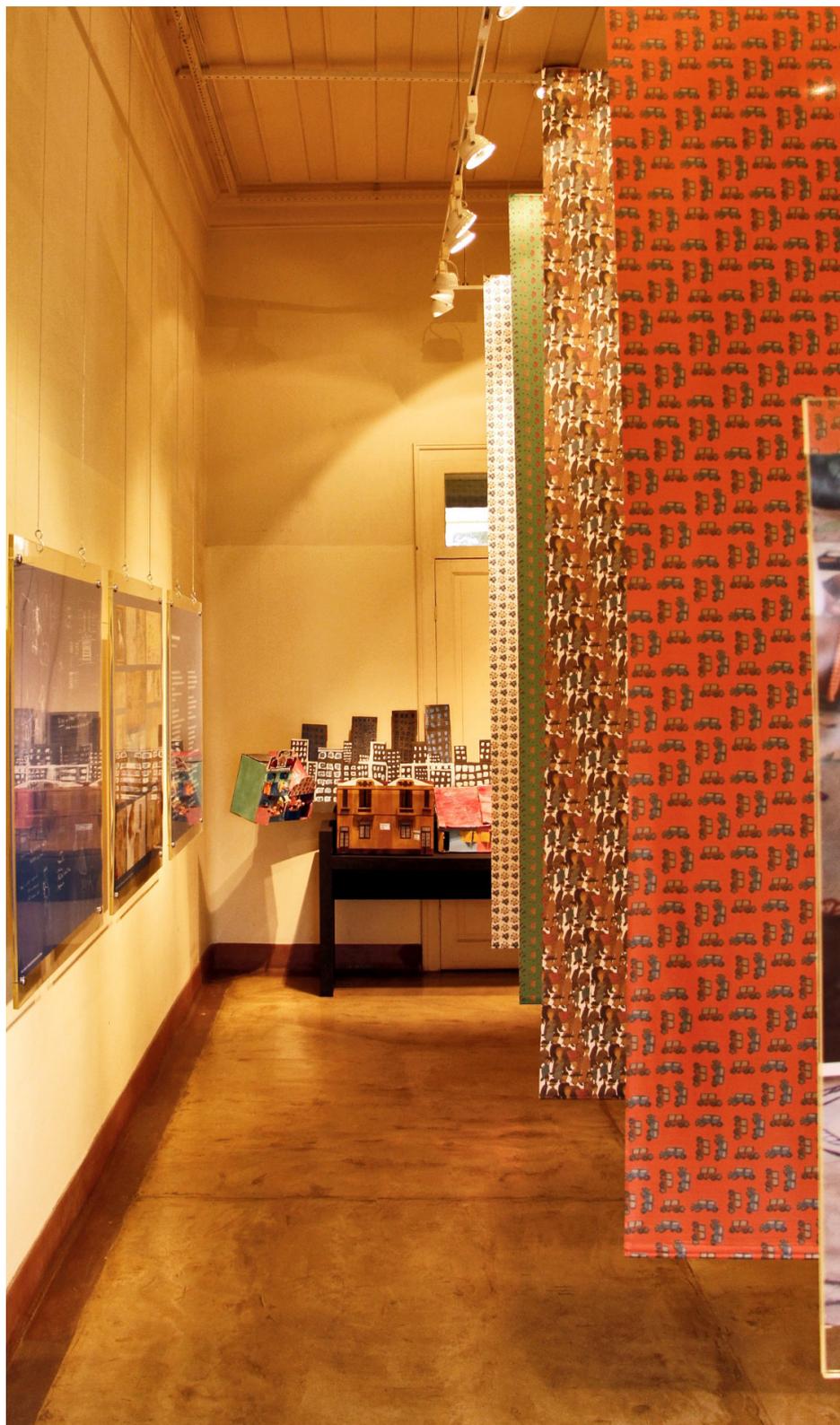


FIGURA 4

Exposição *Cores do Bixiga na Yayá*.
Varanda da Casa de
Dona Yayá. Fonte:
Acervo CPC.



O conjunto de imagens mobilizadas pelos participantes das oficinas em seus desenhos, pinturas e maquetes foi retrabalhado pela equipe do CPC como elemento identitário na construção da expografia: delas se extraíram fragmentos que, recompostos, levaram à produção de estandartes, elementos cênicos, cartões postais e estampas.

Ainda que modesta em escala e em recursos expográficos, a exposição *Cores do Bixiga na Yayá* atingiu um resultado satisfatório no estabelecimento de um diálogo do órgão com o imaginário sobre o Bixiga e sobre Dona Yayá que este conjunto de participantes desenvolveu. A iniciativa permite ainda potencializar a Casa de Dona Yayá como um espaço de novos encontros e trocas com a vizinhança do Bixiga, de modo a que novas e mais vibrantes cores do bairro continuem a contagiar o cotidiano do Centro de Preservação Cultural da USP — instituição normalmente tão distante do dia-a-dia de um território tão fragmentado como é o Bixiga.

Cabe ressaltar que os materiais produzidos nas oficinas talvez ainda insistam em um olhar por demais caricato sobre o Bixiga: ao longo do processo, acabaram sendo privilegiadas as imagens que associam o bairro ao passado italiano e a uma cultura patrimonial de “pedra e cal”. A exposição, contudo, permite pontuar novas possibilidades e destacar outras narrativas que surgiram marginalmente nas falas e nos traços dos participantes.

FIGURA 5

Cartões postais com padrões gráficos produzidos a partir dos trabalhos dos participantes das oficinas Infinitas cores do Bixiga e Outras Yayás. Projeto gráfico de Érika Peixoto.



3. CONSIDERAÇÕES

Embora o Centro de Preservação Cultural não seja um museu — nem desenvolva, rigorosamente, um trabalho sistemático com o ciclo museológico que normalmente caracteriza museus-casa ou centros de memória similares à situação do órgão como guardião da Casa de Dona Yayá — as ações expositivas aqui apresentadas consolidam uma presença do órgão em meio às demandas de duas vizinhanças suas relevantes: de um lado, todo um conjunto de grupos e ativistas ligados às questões de gênero e de saúde mental que exigiam um posicionamento mais claro do CPC-USP em relação a toda a trajetória e espólio de que ele é herdeiro. De outro, a vizinhança imediata do Bixiga, que ainda enxerga o CPC-USP como uma espécie de invasor em seu território, dada a conhecida distância da Universidade no cotidiano da dinâmica social. Acreditamos, portanto, tratar-se de mais um passo relevante na constituição de uma política contínua de cultura e extensão universitária no campo do patrimônio cultural, bem como no estabelecimento de laços mais firmes entre universidade e sociedade.

4. REFERÊNCIAS

LANNA, Ana Lúcia Duarte; PRATA, Juliana Mendes. O CPC-USP e a Casa de Dona Yayá. Questões de gestão de um patrimônio cultural. *Revista CPC*, n. 1, p. 6-15, 2006.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan; PEREIRA, José Hermes Martins. Educação patrimonial no Centro de Preservação Cultural “Casa de Dona Yayá”: balanços e novos desafios. *Revista Cultura e Extensão USP*, v. 5, p. 37-42, 2011.

RODRIGUES, Marly. A Casa de Dona Yayá. In: Lourenço, Maria Cecília França (org.). *A Casa de Dona Yayá*. São Paulo: Edusp, 1999.